

Negação da ciência e fundamentalismo: um pouco de história e pistas para o debate

Science denial and fundamentalism: a bit of history and clues for the debate

 Clovis Torquato Junior¹  Luiz José Dietrich²

Submetido em 01/02/2024

Aceito em 20/03/2024

RESUMO

As relações entre as ciências biológicas e a teologia fundamentalista nunca foram pacíficas, porque os teólogos olharam, na esmagadora maioria das vezes, para a ciência com certa resistência e desconfiança, na perspectiva de que as ciências biológicas procuravam negar a Bíblia, e, na contrapartida teológica para resistir e enfrentar esta oposição, a teologia fundamentalista resolveu atacar a ciência. Os resultados das ciências biológicas, em especial a teoria da evolução de Darwin, não era uma construção para desmerecer a Bíblia, embora seus resultados colocassem em xeque-mate algumas conclusões preciosas para a teologia fundamentalista, como a criação do mundo natural por Deus. A teoria de Darwin não se preocupa nem se dirige contra a Bíblia e a teologia, não é este seu alvo; no entanto, a teologia fundamentalista, ao se sentir atacada pelos resultados da teoria de Darwin, se voltou para atacar e negar as ciências biológicas em geral, mas em especial a teoria da evolução. O presente estudo analisa a relação tumultuada entre a teologia fundamentalista e as ciências biológicas, e como aquela busca negar e até deixar de estudar a teoria de Darwin e outros resultados das ciências biológicas nas escolas de ensino básico, médio, e algumas vezes até em universidades. Os resultados do estudo mostram como a teologia fundamentalista foi minando a importância das ciências e como foi impedindo, nas escolas, o acesso às informações científicas.

Palavras-chave: Bíblia e ciências, Bíblia e fundamentalismo, Teoria da Evolução, design inteligente.

- 1 Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Doutorando na Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
E-mail: clovistorquatojr@gmail.com
- 2 Doutor em Ciências da Religião com concentração em Bíblia pela Universidade Metodista de São Paulo e Mestre em Teologia com ênfase em Estudos Bíblicos pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil. É assessor Nacional do CEBI - Centro de Estudos Bíblicos, e do Centro Bíblico Verbo.
E-mail: luiz.dietrich@pucpr.br

ABSTRACT

Relations between the biological sciences and fundamentalist theology have never been peaceful, because theologians have overwhelmingly looked at science with a certain resistance and distrust, from the perspective that the biological sciences sought to deny the Bible, and, in the theological counterpart to resist and confront this opposition, fundamentalist theology decided to attack science. The results of the biological sciences, especially Darwin's theory of evolution, were not intended to discredit the Bible, although their results did put in check some precious conclusions for fundamentalist theology, such as the creation of the natural world by God. Darwin's theory is not concerned with or directed against the Bible and theology, this is not its target; however, fundamentalist theology, feeling attacked by the results of Darwin's theory, has turned to attacking and denying the biological sciences in general, but especially the theory of evolution. This study analyzes the tumultuous relationship between fundamentalist theology and the biological sciences, and how it seeks to deny and even stop studying Darwin's theory and other results of the biological sciences in elementary schools, high schools, and sometimes even universities. The results of the study show how fundamentalist theology has undermined the importance of science and how it has prevented access to scientific information in schools.

Keywords: Bible and science, Bible and fundamentalism, Theory of Evolution, intelligent design.

1. INTRODUÇÃO

Neste texto apresentamos inicialmente um resumo do primeiro capítulo do livro de Orlando Tambosi³, *A cruzada contra as ciências: quem tem medo do conhecimento?* (Tambosi, 2010, p. 13-60⁴). Esse resumo, um resgate histórico do contexto e das reações ao lançamento da obra de Darwin sobre a evolução das espécies, ocupa aproximadamente 10 páginas. E será entremeado e finalizado com algumas reflexões, sobre o caráter da Bíblia e sobretudo sobre as doutrinas que envolvem a Bíblia, especialmente a que apresenta a Bíblia como “a” Palavra de Deus. Doutrina esta que a imensa maioria dos cristãos (e também dos Judeus) recebe antes de lerem a Bíblia

3 Bacharel em Direito, Professor do Curso de Jornalismo na UFSC, com mestrado em Ciências da Comunicação (USP), e Doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas, SP.

4 O capítulo é intitulado “*A cruzada contra Darwin*” e as páginas indicadas dentro do resumo remetem a essa obra.

(ou a TaNaKh⁵), no caso dos Judeus. É esta concepção da Bíblia como a Palavra de Deus que acaba sendo a raiz do problema⁶. Pois toma-se como verdade histórica uma concepção teológica doutrinária que impede – ou dificulta enormemente – a compreensão do caráter histórico-cultural, o entendimento da Bíblia como produto de uma determinada cultura humana, historicamente e geograficamente situada, portanto, relativa àquele contexto e àquela época, limitada a determinados arcabouços de conhecimentos e formas de pensamento. É isso o que a Bíblia é quando vista do ponto de vista das Ciências da Religião.

O fato de esse conjunto de escritos, ou parte dele, ter sido elevado ao status de Escritura Sagrada, não altera o que ele intrinsecamente é: produto da cultura humana do Oriente Próximo e da região do Mediterrâneo, ao longo dos anos 900 a.C. até os anos 200 d.C. Essa origem, essa pertença regional, cultural marca inescapavelmente o seu conteúdo e seus conceitos, suas compreensões do mundo e das divindades. A concepção da Bíblia como a Palavra de Deus, corroborada pelas traduções realizadas com base na teoria da Equivalência Dinâmica, leva a compreender a Bíblia como um livro que foi escrito em nossa língua, em nossa cultura e para nós aqui e agora. Faz com que nos agarremos a ela frente a qualquer outro tipo de conhecimento que porventura venha a afirmar coisas que estejam em contradição com a Bíblia, mesmo quando esse conhecimento seja o conhecimento científico. Por conhecimento científico seguirei a conceituação do cientista e escritor Jared Diamond (2013, p. 34), que o descreve como “a aquisição de conhecimento confiável sobre o mundo”, ou talvez especificando melhor: aquisição de conhecimento confiável sobre o mundo e a vida. Ressaltamos estas questões porque podem ser uma das origens do pensamento negacionista atual, contra as vacinas, negando o aquecimento global, e a facilidade para acolher as chamadas *fake news*. Pois reforça o pensamento anticientífico. Segundo a Bíblia serpentes e jumentas podem falar, milhões de pessoas podem ser alimentadas durante 40 anos no deserto com carne e maná, cajados podem florescer, o sol gira em torno da terra e etc. É claro, logo se diz que para Deus tudo é possível, ainda mais porque as doutrinas ensinam que Deus é onisciente, onipresente e onipotente, mesmo sendo tal compreensão de Deus uma forma derivada do pensamento grego. Mas na Bíblia também Deus atua diretamente para matar, e mata milhares, milhões de pessoas⁷, ou manda matar e destruir especialmente que tem outras formas de cultuar e nomear o mistério da divindade. Em nome de Deus tudo pode ser apresentado ou entendido como acontecimento histórico possível e aceitável. O raciocínio lógico, a ciência e muitas vezes a própria experiência da vida, são colocadas de lado pela crença nas doutrinas. Como afirma um dos cientistas mencionados no texto a seguir, “negar a teoria da evolução não é apenas negar uma teoria em específico, mas é negar os princípios da ciência, a ciência como tal.”

5 Esse nome é formado pelas iniciais hebraicas dos três principais blocos que formam a Bíblia Hebraica: o T de Torá (que equivale ao nosso Pentateuco), o N de *Neviim* (Profetas, que na Bíblia Hebraica estão divididos entre “Profetas Anteriores”, que em nossas Bíblias corresponde à história Deuteronomista: Js; Jz; 1 e 2Sm; 1 e 2Rs; e “Profetas Posteriores” que são os livros dos Profetas Is; Jr; Ez; e assim por diante; e o K de *Ketuvim* (Escritos, que incluem os que chamamos de Sapienciais, mais a obra histórica do Cronista Esd-Ne e 1 e 2 Crônicas)

6 Sobre isso ver Dietrich e Silva (2021).

7 Ver o livro “Drunk with Blood: God’s Killings in the Bible”, de Steve Wells (2013).

Vamos ao resumo do texto de Orlando Tambosi.

2. A cruzada contra Charles Darwin

Charles Darwin escreveu *A origem das espécies*, a sua obra mais famosa, e a que traria e teria as consequências mais graves e grandiosas em 1839. Porém só conseguiu publicá-la em 1859, vinte anos depois de escrevê-la e guardá-la, temendo chocar a mentalidade religiosa então vigorante em seus dias. Não sabia ele que seu livro não apenas chocaria, mas também demoliria uma certa mentalidade religiosa não só dos seus dias, mas dali para frente seria impossível falar da Bíblia, do Gênesis, do criacionismo, sem reagir à sua teoria.

As discussões que se seguiram à publicação da sua obra tomaram o centro do debate entre a *teoria da evolução* e o *criacionismo*, não estando, no entanto, essas questões no centro nervoso da questão, que é outra: o embate entre a verdade da Bíblia ou a verdade da teoria da evolução. A teoria da evolução não é nem um problema em si mesma, nem seria vista como perniciosa e nociva, caso não colocasse em cheque os primados das concepções religiosas oriundas da leitura da Bíblia como fonte de verdade eterna e de revelação divina, tal qual escrito, ou seja, numa interpretação literal do Gênesis; isto é, a teoria da evolução é um problema pelo que suscita: a escolha radical entre uma interpretação literal da Bíblia e a aceitação das suas verdades expressas no Gênesis ou a aceitação da verdade da teoria da evolução; caso não fosse necessária esta escolha radical, seria, como muitas outras teorias, ignorada pelos intérpretes literalistas da Bíblia. Entretanto, ao exigir uma escolha entre dois polos antagônicos, tornou-se o emblema de uma discussão mais profunda: “Qual o valor da Bíblia e quais as verdades que ela expressa, ou não?” e “Quais as verdades (ainda que historicamente construídas) que a ciência pode estabelecer?”

O fundamentalismo cristão viu na teoria da evolução de Darwin um ataque à criação de Deus do cosmo e com ele um ataque à própria Bíblia e à fé em um Deus criador de todas as coisas, Onipotente, Onipresente e Onisciente, que se revelou nas páginas da Bíblia, cuja leitura deve ser literalista, e cujas verdades, extraídas desta leitura, precisam ser aceitas sem questionamento e integralmente: este é o cerne da questão do embate entre os cristãos fundamentalistas com todas as suas demais argumentações levantadas contra a teoria da evolução, ainda que disfarçadamente sem apelar para a fé em um Deus criador. A teoria da evolução resultou num ataque ao criacionismo, mas não apenas a ele, e sim a toda fé cristã que se baseava numa leitura literalista do Gênesis a princípio, porém, que se estendia a toda a Bíblia, por conseguinte, exigindo uma aceitação das suas informações como verdades absolutas reveladas por Deus.

Por que esta problemática? Porque a teoria da evolução sugeria, como resultado da sua origem, que o homem é, afinal de contas, apenas mais uma forma de vida, animal, no meio de toda forma de vida existente no planeta, que evoluiu através da seleção natural, não tendo, em face da sua origem, que é semelhante a qualquer outra forma de vida, um primado e um propósito definidos por Deus, como propalava o criacionismo: “Nenhum lugar especial está reservado a este parente próximo dos

macacos” (p. 13), isto é, o processo que resultou na aparição do homem foi determinado somente por causas e leis naturais, num processo cego e sem finalismo, não sendo o resultado do plano divino de criar o homem à sua imagem e semelhança, com o propósito de dominar a terra e servi-lo com amor e gratidão, em pureza e comunhão.

Ernst Mayr resume em cinco pontos as implicações da teoria de Darwin:

- a) substituição da concepção de um mundo estático por um em evolução;
- b) o criacionismo tem falhas e inconsistências;
- c) refutação da teleologia cósmica;
- d) fim de qualquer antropocentrismo calcado na criação divina, em razão de o homem ser apenas resultado da descendência comum das espécies;
- e) o mundo passou a ser explicado pelo processo puramente materialista da seleção natural (Mayr, 1998, p. 559-560). As reações foram brutais, principalmente nos Estados Unidos (na Europa, aos poucos, a reação foi arrefecendo-se), resultado do literalismo bíblico e do analfabetismo científico.

Para os adeptos do criacionismo parece que não há métodos de datação radioativa, fósseis datados de milhões de anos evidenciando uma sequência de desenvolvimento genético, eras geológicas identificadas e tudo aquilo que as ciências geológicas têm demonstrado ao longo de anos. Os criacionistas afirmam que, como não havia ninguém para observar a origem de tudo, é impossível saber o que aconteceu, senão pela revelação divina no Gênesis. O equívoco deste pensamento está na própria concepção do que é científico: através de hipóteses e teorias, para muito além da observação, a ciência descreve leis que funcionam no cosmo, com fundamentação racional, por exemplo, a lei da gravitação universal, da teoria quântica, da teoria da relatividade, da física das partículas, estas e outras teorias não são visíveis, como o quark, que é uma partícula nunca diretamente observável ou encontrada isoladamente na natureza. Muito do que a ciência afirma sobre o cosmo não é diretamente observável.

O ponto central para os cristãos fundamentalistas norte-americanos é que o mundo foi criado por Deus, conforme descrito em Gênesis, em seis dias, sendo que o homem teve um processo criativo diferente de todo o restante da criação, sendo formado pelo próprio Deus com um plano e propósitos divinos e únicos, sendo colocado pelo próprio Deus como cabeça e coroa da criação; o pecado original deformou a relação que o homem tinha originalmente com Deus, gerando e carecendo de salvação; o Dilúvio que cobriu toda a face da terra foi um acontecimento histórico, assim como a arca de Noé e a preservação das espécies nela contidas. Esta concepção de criação dominou, e ainda é majoritária nos Estados Unidos, para mais da metade da população. Para apenas 13% (em 2004) da população Deus não teve participação no processo criativo do cosmo, justamente a porcentagem em que estão a maioria dos cientistas, para não dizer quase a sua totalidade: o cientificismo baseado na teoria da evolução, com uma influência crescente, tomou conta das salas de aula do ensino público e das universidades, enquanto a religião perdia, na mesma proporção, seu espaço garantido há séculos. É claro que a reação a esta perda de poder e espaço viria com energia.

Embora a influência dos cientistas seja grande, isto não garantiu que o mundo se tornasse culto cientificamente: um dado alarmante informa que apenas 7% da popu-

lação norte-americana e britânica podem ser considerados cultos em ciência; mais da metade dos norte-americanos não conhece o movimento de translação (volta da terra ao redor do sol em um ano), 63% não sabem que os dinossauros desapareceram antes do aparecimento do primeiro ser humano e 75% não sabem que os antibióticos matam as bactérias e não os vírus. No Brasil, apenas 26% da população alfabetizada é capaz de ler e compreender textos longos.

Em face deste ostracismo científico é plausível tentar convencer a população da malignidade da teoria da evolução através do fundamentalismo cristão de uma leitura literalista da Bíblia. Foi isto que vários movimentos norte-americanos tentaram e ainda tentam fazer: colocar Darwin no banco dos réus, nos Estados Unidos.

As grandes denominações fundamentalistas norte-americanas, metodistas, batistas e presbiterianos, calcadas numa interpretação literalista da Bíblia, no início do século passado, abriram fogo contra o evolucionismo. Vários exemplos podem ser citados. Por volta de 1920, os estados de Oklahoma, Tennessee, Mississipi e Arkansas baniram das escolas o ensino da teoria darwiniana. Em 1923, o Oklahoma aprovou uma lei para distribuir gratuitamente livros escolares, com a exigência de que nem os livros nem os professores mencionassem o evolucionismo. Em 1925, o Tennessee aprovou o *Butler Act*, a Lei Butler, que proibia qualquer ensino de teorias que negassem “a história da Divina Criação do homem” (segundo a Bíblia), que deu origem ao famoso “Julgamento do Macaco” (*The Monkey Trial*, ou o Caso Scopes)⁸ esta lei só veio a ser revogada em 1967. O biólogo e naturalista Edward Wilson conta que em 1950 recebeu autorização para dar uma aula sobre os macacos homínídeos sul-africanos: após dar a aula, em que os alunos ficaram em total silêncio, todos foram saindo sem dizer uma única palavra, até que, finalmente, ao sair o último aluno lhe perguntou se aquela aula entraria na prova; ao responder que não, o aluno pareceu-lhe aliviado. Ele conta que nunca mais houve qualquer menção à aula e parece que ela, na verdade, nunca fora dada.

Nas décadas de 1960 e 1970 os criacionistas, diante do avanço das teorias de Darwin e cada vez mais escolas ensinarem suas teorias, passaram a requerer que o mesmo tempo de aula dedicadas ao evolucionismo fosse dado a aulas que ensinassem a criação segundo o Gênesis. Em 1963 é fundada a *Criation Research Society* (CRS), que procurar receber como seus membros apenas cientistas que proclamassem o criacionismo, além de os fazerem jurar compromisso com a interpretação literal do Gênesis: a Bíblia mais uma vez estava colocada como referência indiscutível sobre a origem do mundo e do homem, e o evolucionismo ressaltado como uma teoria e não um fato. Em 1968 a *Associação Nacional dos Professores de Biologia* recorre na Suprema Corte contra a CRS, vencendo. Em 1972, Morris e Duane Gish (PhD em bioquímica e batista fundamentalista) fundam a *Criation-Science Research Center* (CRSC) ligada ao *Christian Heritage College*, de San Diego, Califórnia, que além de requerer tempo igual para os ensinamentos do criacionismo e do evolucionismo, associava ao evolucionismo a “decadência moral dos valores espirituais”, a “destruição da saúde mental” e o aumento dos divórcios, do aborto e das “doenças venéreas”. Em 1981, no Arkansas, um documento, o *Balanced Treatment Act*, dava ares de ciência ao criacionismo, apre-

8 Esse caso originou o filme, chamado “O vento será tua herança” (*Inherit the wind*, em inglês) com bons atores, muito interessante e bem feito. Vale a pena ser visto!

sentando o como “ciência criacionista”, cujos principais pontos eram: criação súbita do universo, da energia e da vida a partir do nada, insuficiência da evolução para criar todos as formas de vida, a mutação é restrita dentro da forma de vida criada, ancestrais separados para o homem e o macaco, início relativamente recente da terra. No estado do Alabama os livros de biologia ressaltavam que o evolucionismo era “apenas uma teoria”. Coube a Eldredge, numa correspondência ao *Times*, ressaltar que a mecânica quântica, a relatividade especial e as placas tectônicas são de igual forma teóricas, mas nunca foram tratadas como “mera teoria” (Eldredge, 2000, p. 187-188).

O objetivo de classificar a teoria da evolução como “mera teoria” era desqualificá-la enquanto teoria e ciência, gerando um ambiente de desconfiança quanto à ciência em geral e suas teorias, na qual a teoria seria um tipo de invenção que o cientista, num dia qualquer, amanheceu com uma ideia aleatória e sem fundamento e decidiu fazer uma exposição.

Na década de 1990, de novo, uma grande investida contra a teoria da evolução teria lugar nos Estados Unidos, em estados onde os fundamentalistas tinham maior influência, até mesmo para interferir nos currículos escolares do ensino primário e secundário. Em 1999, no Kansas, foi admitido que os professores ensinassem sobre o evolucionismo, mas foi proibido que os alunos fossem testados neste conteúdo; outros estados vieram a seguir o mesmo projeto, como Alabama, Texas, Arizona, Illinois e Nebraska.

3. O criacionismo no Brasil

No Brasil a situação não foi muito diferente, com sociedades procurando imitar os projetos norte-americanos. A *Sociedade Criacionista Brasileira* (SCB), de origem adventista, proclamava que “O evolucionismo está com os dias contados. O evolucionismo não é ciência” (p. 29). Em 1979 foi criada a *Associação Brasileira de Pesquisa da Criação*, de origem em grupos evangélicos, mantém um site em que afirma que “só a criação é capaz de explicar as origens do universo e da vida” (p. 29). Em 1998 seria criada a *Núcleo Brasileiro do Design Inteligente*⁹, com seguidores de Michael Behe, o proponente deste pensamento (Behe, 1977). Apesar destas instituições exercerem menos influência que as suas antecessoras norte-americanas, encontram no Brasil um terreno favorável às posições contrárias ao evolucionismo, em face da grande porcentagem da população ser de algum matiz religioso, e como tal, de alguma forma, aceitar que o mundo e a vida foram criados por Deus. Por exemplo, uma pesquisa do Ibope, em 2005, mostrou que 31% dos brasileiros acreditam que Deus criou o homem nos últimos dez mil anos, 54,96% reconhecem que o ser humano vem se desenvolvendo, mas com a intervenção de Deus, e somente 9% acredita que Deus não tem interferência no surgimento do homem. A pesquisa ainda mostrou

9 Essa teoria afirma, contra a teoria da evolução, que a grande complexidade dos seres vivos e de seus organismos não poderia ser simplesmente fruto do acaso, da evolução natural, determinada pelas condições naturais, mas deve ter sido resultado de um “projetista inteligente”, que no caso seria Deus, sem o qual não poderiam ter vindo a existir.

que para 89% dos entrevistados o criacionismo deve ser ensinado nas escolas e, para 75% o evolucionismo deve ser substituído, nas escolas, pelo criacionismo. No Rio de Janeiro, desde 2004, o criacionismo passou a ser ensinado nas escolas, por decisão da Governadora Rosinha Garotinho, uma presbiteriana que é contrária à teoria da evolução; ainda neste estado, em 92 municípios, os alunos de ensino religioso são divididos segundo os seus credos, embora alguns educadores vejam nesta prática uma violação da *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* (LDB), de 1996, que afirma que a matrícula em *Ensino Religioso* é facultativa. Enfim, a escola brasileira dá pouca ou nenhuma ênfase à teoria da evolução.

O que é ciência foi um grande debate entre os próprios cientistas, mas para além deles, o debate alcançou os tribunais. O *caso do Arkansas* (Act 590), que foi julgado em 1981, pelo juiz federal William Overton, deixou como legado a sua sentença que, ao definir o que é ciência, decretou que tal conceito não se aplicava ao *creation-science*, ressaltando que “o conhecimento ‘não requer o *imprimatur* da legislação para se tornar ciência” (Tambosi, 2010, p. 34). Ele escreveu que “ciência é o que é aceito pela comunidade científica”, e “o que os cientistas fazem” (p. 34). Segundo ele a ciência tem algumas características distintivas: é voltada a leis naturais e por elas deve ser explicada, pode ser testada no mundo empírico, suas conclusões são provisórias e pode ser falsificável; estas características faltam à *creations-science*, segundo o famoso juiz, que ainda argumenta que, apesar de a *Lei do Arkansas* (Act 590) não mencionar explicitamente o Gênesis, é formulada sobre seus conceitos, é religião, portanto; desta forma, viola a separação entre Estado e religião, sendo inconstitucional; e apesar de uma doutrina religiosa ser popular não pode fazer parte de currículos escolares. Overton ainda observa que a teoria da evolução é a base da biologia moderna, e privar os alunos deste conhecimento pode causar prejuízo aos mesmos. Kitcher (1999, p. 4) tem razão quando afirma que negar a teoria da evolução não é apenas negar uma teoria em específico, mas é negar os princípios da ciência, a ciência como tal.

O criacionismo bíblico apela para fatos fora das leis da natureza, de um lado, enquanto reforça a existência de interferência sobrenatural, do outro. Ora, isto equivale a negar a ciência, que busca suas leis e princípios dentro das leis da natureza. Bunge (*apud* Tambosi, 2010, p. 30) afirma que ciência é conhecimento racional e objetivo; segundo Wilson (*apud* Tambosi, 2010, p. 30), ciência é o “empreendimento organizado e sistemático que coleta conhecimentos sobre o mundo e condensa o conhecimento em leis e princípios estáveis”.

Para aceitar-se o estatuto da ciência é necessário, de um lado, uma abertura ao novo, mesmo quando contrário às preconcepções, e do outro, uma análise cética de tudo que se afirma novo. Sagan (1991, p. 41, 297-298) diz que se há apenas o ceticismo, não se avança em conhecimento, mas também se há apenas a crença nas novas ideias, corre-se o risco de acreditar em falsificações; o segredo do pensar científico está no equilíbrio destas duas forças.

Este segredo é estranho, alienígena e nocivo ao fundamentalismo cristão, que absolutiza os seus dogmas e suas crenças, fechando-se contra todas as novidades e vendo uma ameaça em tudo que, de novo que é, sugere uma forma diferente de ver a vida e o mundo; assim, os princípios básicos da ciência, que são gerar novos conhecimentos, revisar, reparar, corrigir e reformular as verdades parciais conhecidas, construir historicamente as proposições (a verdade é historicamente construída),

propor teorias e leis sobre fenômenos observáveis ou sobre modelos estabelecidos e fazer isto tudo baseado nas leis naturais sem o intercurso e a interferência do sobrenatural parecem, ao fundamentalismo cristão, uma obra do diabo para destruir a sua tão firme religião. Ora, se a religião é tão absoluta deveria, então, resistir a qualquer crítica e qualquer objeção, mas não é isso que se observa quando os primados dos fundamentalistas são colocados em cheque e quando novas formas de interpretar, compreender e explicar o mundo e a vida são propostos: parece que os dogmas da fé fundamentalista simplesmente derretem. É justamente aqui que se localiza o ataque à teoria da evolução de Darwin por parte de todo aquele, cientista, teólogo ou não, que está envolvido com o fundamentalismo cristão e a interpretação literalista de Gênesis e da Bíblia como um todo.

A teoria da evolução é uma nova proposta (foi nova em 1859) que oferece uma nova explicação de como se desenvolveu a vida depois da sua formação a partir de um ancestral comum a todas as espécies; esta novidade coloca em cheque os caros dogmas da criação como expostos em Gênesis e do primado do homem como criado especial e diferentemente por Deus, estando acima de todo o restante da criação, o antropocentrismo.

O cerne da teoria da evolução consiste em explicar, não como surgiu a vida, mas em como ela se desenvolveu depois de formada a partir de um único ancestral comum a todos os seres vivos, inclusive o homem; “evolução significa ‘desenvolvimento natural e modificação dos organismos através das gerações, tendo como ponto de partida formas primitivas e amplamente diversificadas’” (p. 39). É necessário distinguir entre o “acontecimento evolução” do “modo como” se dá a evolução; a realidade da evolução não é negada pelos cientistas dentro das ciências biológicas, no entanto, o modo como se dá a evolução é objeto de intenso debate, isto é, quais seriam os mecanismos da evolução.

Os criacionistas geralmente admitem algum nível de evolução, porque é impossível negá-la completamente, limitando-a “dentro de cada espécie”, negando-a, entretanto, quando ela é defendida “entre as espécies”. Isto significa que os criacionistas não aceitam a teoria da evolução, que propõe que todos os seres vivos do planeta descendam de um único ancestral comum, como está inscrito no código genético, literalmente idêntico em todos os animais, plantas e bactérias que, embora diferindo nos detalhes superficiais, são variações do código DNA e as 30 milhões de maneiras pelas quais ele se propaga. Para Darwin, o modo como se deu a evolução é a seleção natural, que pode ser resumida nos seguintes pontos: as populações tendem a crescer numa proporção geométrica; em um ambiente natural, no entanto, as populações tendem a estabilizar-se em certo nível; ocorre uma luta pela sobrevivência e reprodução, uma vez que não há recursos (são limitados) para todos os seres vivos; estabelece-se uma variação lenta e gradual entre os seres vivos, dentro de cada espécie e, finalmente, na competição pela sobrevivência, os que melhor se adaptam e conseguem transmitir seus genes, sobrevivem aos mais fracos, que não conseguiram transmitir com êxito os seus genes. Isto é a seleção natural, um processo sem a interferência e ou intercurso de um poder ou ser sobrenatural.

A forma como se dá a seleção natural, no entanto, é objeto de debate: alguns apontam o “mecanismo de especiação”, que é a formação de uma ou mais espécies a partir de espécies existentes, por exemplo, a anagênese, a transformação de uma espécie em

outra; outros sustentam que as mutações são rápidas, diferentemente da proposta de Darwin, que admitia um processo longo e gradual; outros apontam o puro acaso como um fator importante, e determinante das mutações, que tanto podem levar à deficiências como a uma maior adaptação a determinado ambiente.

Seja como for, a falta de consenso, a discussão constante, a crítica e a discordância são características do saber científico, muito diferentes das verdades dogmáticas e estáticas do fundamentalismo cristão. A estaticidade dos dogmas religiosos não se adapta à dinamicidade das mudanças do saber científico, por isso o constante desconforto, desconfiança e sentimento de ameaça que o fundamentalismo cristão resente-se das ciências. Pode-se até especular, que em certa medida, o fundamentalismo religioso, daí ampliado para, principalmente, as três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo), e não apenas o cristianismo, constituem-se em elementos que prejudicam e atrapancam o avanço e a aceitação das diversas ciências. O constante ataque que a teoria da evolução e seus desdobramentos nas ciências biológicas sofrem são um sinal desta areia movediça na qual as religiões dogmáticas e fundamentalistas estão alicerçadas. Uma vez que a base das religiões, em especial do cristianismo, é a estaticidade de seus princípios e concepções, quando transferida para outra base, a da ciência, que é dinâmica, aquela base que parecia sólida, nada mais é que não areia movediça, pois faz seus dogmas derreterem e o seu edifício é engolido. A religião cristã, principalmente, está marcada pelo finalismo e pela escatologia: o mundo caminha para um fim determinado, cujos limites foram estabelecidos por Deus, tem hora certa para alcançar seu clímax, e o objetivo final será alcançado: todo joelho se dobrará e toda a língua confessará que Jesus é o Senhor, para a glória de Deus, o Pai (Fp 2.10-11), e a cada dia a imagem de Jesus vai sendo aperfeiçoada no cristão (2Cor 3.18), que enfim é a salvação escatológica. Ora, o processo de seleção natural não comporta em seu arcabouço o “finalismo”, o mundo segue sem um destino, não está indo para lugar algum. Não há um “sentido” para a teoria da evolução, a evolução não significa mais que ela esteja obedecendo um certo significado interno, que a conduza na direção correta e que corrija seu rumo, caso necessário; de novo, não está indo para lugar algum predeterminado.

Se, de um lado, todos os esforços não barraram o evolucionismo nas universidades, embora tenham tido sucesso fora delas, uma investida era necessária para alcançar o terreno perdido na academia; o projeto do *Intelligent Design*, o “Design Inteligente”, como será chamado em língua portuguesa, é justamente a cruzada contra o evolucionismo nas universidades norte-americanas. Seus participantes são intelectuais e líderes políticos conservadores ligados à direita cristã conservadora. O seu argumento é, a princípio, interessante e parece convincente, mas diante de um exame mais metucioso, logo não se sustenta. Os seus adeptos apontam para o “projeto inteligente” como fator determinante contra o evolucionismo, embora, em alguns casos, não se interessem pelo designer, pelo projetista, isto é, um Criador; é uma forma disfarçada de negar ser criacionista religioso, mas cujos fundamentos os levam justamente nesta direção. Um exemplo desta forma de pensar pode ser visto em Philip Johnson (1991). Seu projeto poderia ser denominado pela fórmula naturalismo = materialismo – ateísmo, ou seja, se a natureza é tudo e se tudo que existe veio da matéria, logo, não há lugar para Deus: ele dizia que era preciso preparar a próxima geração para separar entre a real ciência e a filosofia materialista. Na sua concepção

a ciência capitulou frente a filosofia materialista, uma ideologia ateísta que precisava ser combatida, ou seja, o evolucionismo tornou-se apenas uma “filosofia”, perdendo seu status de ciência; seu projeto consistia, então, em separar a filosofia materialista das ciências empíricas. Com isto, o objetivo era formular uma alternativa ao naturalismo científico e reunir pesquisadores teístas contra o secularismo reinante nas ciências e nas universidades. Johnson nunca negou seu engajamento e compromisso com o teísmo¹⁰, sendo sua cruzada uma investida para recolocar a religião onde estivera antes de Darwin.

O projeto do *Design Inteligente* terá um novo impulso com o bioquímico Michael Behe, que afirmava que alguns sistemas na natureza são complexos demais para terem surgido por evolução. O *Design Inteligente* remonta, no seu fundamento mais primitivo, à tradição cristã medieval das chamadas “provas da existência de Deus”. Foi o teólogo Tomás de Aquino (1221-1274) o nome por excelência desta proposição, retomada depois por vários outros teólogos; o argumento consistia num tripé: o argumento ontológico, o cosmológico e o teleológico. O interesse básico dos adeptos do *Design Inteligente* estava centrado no argumento teleológico, como exemplifica o teólogo inglês William Paley. Numa passagem famosa, ele argumenta que, imagine-se andando numa estrada e batendo o pé numa pedra: seria possível argumentar que aquela pedra sempre esteve ali; no entanto, imagine-se batendo o pé num relógio, já não seria possível o mesmo argumento. Para ele, há determinados organismos que não poderiam ser explicados através da mutação natural, em face da sua complexidade. Fazendo uma distinção entre objetos do mundo natural e objetos manufaturados, como o relógio, seria possível concluir que, em face das refinadas engrenagens, “o relógio tinha que ser obra de um criador – que deve ter existido, em algum tempo e em outro lugar, um artífice, ou artífices, que o construíram para uma finalidade [...], que compreenderam sua construção e planejaram seu uso” (Behe *apud* Tambosi, p. 50).

Este argumento, que parece muito convincente, logo murcha, pois a comparação não é adequada. Dawkins argumenta que, se há um relojoeiro na natureza, é um relojoeiro cego; ele diz que “os únicos relojoeiros da natureza são as forças da física, ainda que atuem de um modo especial” (Dawkins, 2001, p. 23-24). Seu argumento é o seguinte: o relojoeiro tem um projeto e um propósito em mente, e tudo que faz está determinado por esses elementos, porém, a seleção natural que Darwin descobriu e que é a fonte de todas as formas de vida conhecidas, isto é, a força da natureza não age da mesma forma que o relojoeiro, não tem um projeto nem um propósito que a guie, é um processo cego, inconsciente, automático, não planeja o futuro nem controla seus resultados em razão de um alvo a ser alcançado, não tem imaginação, antevisão nem finalidade, isto é, a natureza seria, caso fosse, um relojoeiro cego (Tambosi, p. 50).

Para as ciências, e em especial para o evolucionismo, não é nem necessário nem concebível a imagem de um Deus soberano criador e interventor na natureza; a natureza segue seu curso, determinado pelo acaso e rumo a lugar algum. Sobre a importância ou necessidade de um Deus na natureza, ou mesmo sua simples existência como aponta a Bíblia, argumenta Weinberg, o físico das partículas elementares, que quanto mais compreensível é o universo, mais sem sentido parece ser; seria maravi-

10 Pensamento que afirma a existência de um Deus pessoal, soberano na natureza e no universo e que se mantém em intercâmbio e em comunicação com os seres humanos.

lhoso encontrar nas leis da natureza um plano preparado por um criador, no qual um papel especial fosse destinado à humanidade, mas é triste constatar que não o encontraremos; quanto mais se refina a compreensão de Deus para tornar seu conceito plausível, menos sentido ele tem. Para ele, não há, na natureza, qualquer status especial para a vida ou a inteligência, não há padrões de valores nem de moralidade, não há lugar especial para nenhuma forma de vida e, portanto, não há pistas para encontrar um Deus preocupado com essas coisas através da natureza, isto é, pode-se encontrar essas coisas em outros lugares, jamais nas leis da natureza (1996, 200-201). Também o astrônomo Carl Sagan, observando os processos naturais, como “a seleção de mundos por colisão” e “a seleção natural em reservatórios genéticos” extraem “ordem do caos”, dando a falsa impressão de haver um desígnio, onde, na verdade, não o há. Segundo ele “a evidência, pelo menos até agora e leis da natureza à parte, não requer um Criador” (Saan *apud* Tambosi, 2010, p. 51).

O projeto do *Design Inteligente* teve outro grande expoente, Behe, já supracitado. Seu argumento central é que existem sistemas cuja complexidade não pode ser reduzida, e usa, como exemplo, uma ratoeira, que ficaria conhecida como a *ratoeira de Behe*. Uma “complexidade irreduzível”, explica ele, é um sistema único composto de várias partes compatíveis, integrantes e contribuintes para uma função básica; retirar uma parte deixaria o sistema sem funcionar corretamente; uma vez que a seleção natural só pode escolher sistemas que já estejam em funcionamento, se um sistema biológico não pudesse ser produzido de forma gradual, então os organismos complexos precisariam já ser encontrados prontos e complexos na natureza. O exemplo da ratoeira seria uma amostra de um sistema complexo, em que, se uma parte fosse removida, o sistema não funcionaria adequadamente. Isto implicaria em que sistemas complexos na natureza constituem-se em sérios obstáculos à teoria da evolução, para quem cada passo no processo de evolução deve ser funcional e adaptativo. Para Behe, o mundo da bioquímica está cheio de exemplos de sistemas complexos irreduzíveis, e que a teoria da evolução não seria capaz de explicar a base molecular da vida, pois máquinas como a célula não poderiam se formar segundo o modelo darwiniano: observar que há planejamento inteligente numa célula é tão importante como observar que a terra gira em torno do sol, conclui ele. Embora Behe nunca tenha se declarado criacionista, admitiu, em entrevista, que, como católico, acreditava que Deus criou o mundo e é responsável pela vida nele.

A sugestão de Behe de sistemas complexos irreduzíveis que necessitariam já ser encontrados prontos na natureza foi criticado, por exemplo, por Allen Orr (1996/1997). Ele argumentou que um sistema complexo poderia ser construído gradualmente pela adição de partes, que inicialmente são meras auxiliares, mas que, em virtude de mudanças posteriores, se tornam essenciais, sendo assim amalgamadas no sistema, tornando-o, por fim, um sistema complexo; esses acréscimos poderiam continuar sendo descartáveis, mas poderiam também tornarem-se essenciais ao novo sistema modificado, fazendo parte da sua existência; esse novo sistema, modificado, sofreria então mutações semelhantes, o que o levaria, em algum momento, a não poder mais descartar as mudanças sob pena de não funcionar corretamente.

4. Considerações Finais

À guisa de considerações finais, é possível notar como a posição fundamentalista do cristianismo de interpretação literalista do Gênesis, e da Bíblia como um todo, constituiu-se, ao longo de séculos, como um grave empecilho ao avanço das ciências e às pesquisas baseadas em métodos definidamente científicos, e mais, como foi minando, na sociedade em geral e nas escolas de ensino primário e secundário a importância da ciência, seus métodos e conclusões, além das constantes tentativas de desacreditar a ciência, até mesmo onde ela deveria ter a primazia, as universidades. O pensamento fundamentalista baseado na interpretação literal da Bíblia não se adapta à constante mudança na qual a ciência se move, além do que, cada vez mais, a ciência, em seu crescimento, exclui a necessidade e a própria existência de um Deus que tenha criado e governe os sistemas naturais, os quais são, cada vez mais, vistos como aleatórios e sem projeto ou finalidade.

De um lado, abraçar as conclusões da ciência, em especial a teoria da evolução, seria descartar Deus do projeto do universo, e daí, que sentido faria falar em um lugar especial do homem no processo da criação?, do pecado original e da contrapartida necessária, a salvação?, falar do céu e inferno, do julgamento final, da justiça e valores morais ou éticos? Afinal de contas, tudo é resultado de um processo dirigido por forças da natureza, sem a existência ou intervenção de um poder ou ser sobrenatural; tudo é resultado de seleção natural, sem primazias ou privilégios, num reino natural em que os mais fortes e mais adaptáveis sobrevivem e os mais fracos e menos adaptados desaparecem, um processo cego, sem projetos, sem planos preestabelecidos e sem finalidades propostas, que caminha para lugar nenhum, chegando ao acaso onde se encontra agora; tendo tudo surgido, não obstante a imensa diversidade da vida e de organismos vivos, de apenas um único organismo vivo comum a toda sorte de vida que há e, pior, sem a possibilidade de, a despeito da inteligência humana, controlar o processo.

Do outro lado, abraçar a fé na religião, fincar o pé no fundamentalismo da interpretação literal da Bíblia, ficar com um Deus criador de todas as coisas, com um mundo antropocêntrico, em que há valores, moral e ética, em que há objetivo e plano predeterminado para cada ser humano e cada coisa criada, seria descartar a ciência, em especial a teoria da evolução, com prejuízos, sem dúvida, para a sobrevivência, pelo menos da humanidade, sobrevivência ainda que em parte, já que a inteligência humana também não controla ou direciona a seleção natural, sendo o próprio homem um objeto vulnerável a estas forças; no entanto, a ciência tem contribuído e sido generosa com o homo sapiens.

O que fazer? Que caminhos tomar? Que escolhas proceder? Como ficar com um mundo criado por Deus ou um mundo criado ao acaso da seleção natural? Como falar de Deus e da seleção natural? Que papel tem a religião no nosso mundo e, que papel tem a ciência?

Não é nossa intenção colocar respostas a estas complexas questões. Mas sem dúvida a resposta está numa posição equilibrada que não tome a religião como ciência que explica tudo e nem a ciência como religião que tem a última palavra em todas as esferas da vida. Ambas precisam considerar os aspectos misteriosos da vida, que escapam do alcance das ciências e às quais as religiões procuram abordar desde o seu

nascimento. As ciências lançam hipóteses e saem em busca de prová-las. As religiões no afã de estabelecer diálogos com os grandes mistérios que cercam o existir e o ser fornecem uma grande diversidade de respostas. Muitas delas contradizendo umas às outras.

No campo da Teologia e da Bíblia, o que não se pode é tomar as nossas concepções teológicas e doutrinárias como se fossem dados históricos. Devem ser mantidos no patamar das coisas em que se crê, se espera. E nossa fé e nossas concepções teológicas deveriam se desenvolver em diálogo com as ciências. Pois as ciências são tão importantes e tão parte da humanidade como são as culturas e as religiões. As ciências brotam da mesma busca por compreender e dialogar com os mistérios que nos envolvem e nos cercam. E aqui devemos procurar sair desta espécie de “multiverso” em que o tradicionalismo e as visões fundamentalistas nos colocam.

As concepções teológicas e doutrinárias quando estabelecidas e cultivadas à parte das ciências, ou pior, contra as ciências, como no caso da teoria de evolução, nos levam para um mundo em que as ciências são colocadas entre parêntesis ou abolidas. Somos levados a viver em um mundo em que predominam a onipotência, a onisciência e a onipresença de Deus e do Diabo, sendo a diferença é que Deus terá a última palavra e conseguirá levar o universo ao termo por ele desejado e planejado. O protagonismo das pessoas, das forças da natureza e da vida são deixados de lado. Não interessam as questões de justiça, injustiça, desigualdades sociais, exploração de um ser humano por outro, na exploração destruidora da natureza e de milhões de outras formas de vida. Interessam somente os aspectos morais e doutrinários. São eles que determinam as condições de vida e o futuro das pessoas.

Na chamada teologia da prosperidade, por exemplo, não se quer saber como alguns são privilegiados por poderem adquirir e acumular muitos bens e poder. Não se consideram os mecanismos sociais, econômicos e políticos envolvidos nos processos de acumulação de riqueza e de poder em uma sociedade capitalista neoliberal. A fé, muitas vezes traduzida em orações individualistas, em ritualismos vazios e em moralismos discriminadores e intolerantes, é que faz a uns serem abençoados e a outros amaldiçoados.

Essas visões inclusive retiram todos os condicionantes sociais e políticos que levaram Jesus de Nazaré a ser preso, torturado e condenado à morte pelas elites políticas e religiosas de Jerusalém e de Roma. Tudo se dá no plano e da vontade de Deus. Com isso desfaz-se a encarnação de Deus. Essa teologia não considera o contexto político, econômico, cultural e religioso de Nazaré, ou da Judá dos tempos de Jesus. Esses fatores não são considerados nem na vida e nem na morte de Jesus. É como se tudo tivesse acontecido somente dentro de doutrinas e teologias.

E um cristianismo sem diálogo sincero e coerente com as ciências, pelo menos com as ciências que não se entendam como religião que explica tudo, com as ciências que admitam o Mistério, não conseguiremos encontrar em nossa vida o Deus encarnado, porque o Deus que nos salva não é o Deus das doutrinas, das teologias, mas é o Deus da Vida.

Referências

- BEHE, Michael. *A Caixa preta de Darwin*. O desafio da bioquímica à teoria da evolução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1977.
- DAWKINS, Richard. *O relojoeiro cego: A teoria da evolução contra o desígnio divino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DIAMOND, Jared. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- DIETRICH, Luiz José; SILVA, Cássio Murilo Dias da. Religião, Revelação, Textos Sagrados. *Pistis & Praxis: Teologia Pastoral*, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 627-656, jan./abr. 2021.
- ELDREDGE, Niles. *The triumph of evolution and the failure of creationism*. New York: N. H. Freeman, 2000.
- JOHNSON, Philip. *Darwin on trial*. Downers Grove: Inter Varsity Press, 1991.
- KITCHER, Philip. *Abusing science*. The case against creationism. 11th ed. Cambridge: MIT Press, 1999.
- MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: Editora da UNBB, 1998.
- ORR, Allen. *Darwin vs. Intelligent Design (Again)*. Boston Review, Cambridge, 1996/1997. Disponível em: <https://www.bostonreview.net/articles/darwin-v-intelligent-design-again/>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- TAMBOSI, Orlando. *A cruzada contra as ciências. Quem tem medo do conhecimento?*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.
- WEINBERG, Steven. *Sonhos de uma teoria final*. A busca das leis fundamentais da natureza. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- WELLS, Steve. *Drunk with Blood: God's Killings in the Bible*. SAB Books, 2013.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS



Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
© 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica